

# Se há razões para otimismo, cumpre revelá-las

ESTADO DE SÃO PAULO

As principais manchetes de quinta-feira, como poderiam ser de ontem, não precisam de comentário que as adjetive. O leitor compreenderá bem, relendo-as, qual o elo do noticiário por que se ligam. Em resumo, eis o que se divulgou. A Arábia Saudita só venderá petróleo ao Brasil com aval estrangeiro. Depois da declaração da *moratória técnica*, em 20 de fevereiro, as reservas cambiais do País emagreceram 600 milhões de dólares. Tropa do Exército mantém a ocupação, mas as refinarias podem parar, com a decretação de greve por parte dos petroleiros. Japoneses ameaçam, Citibank corta crédito. Energia sobe 36%; depois subirá mais. O Brasil perde bilhões de dólares com sua política cafeeira. Importações cada vez mais difíceis: os empresários já se mobilizam para evitar o pior, a paralisação da produção em alguns setores industriais. Qualquer pessoa de bom senso não poderia deixar de angustiar-se com a visão do panorama que acaba de ser traçado, definindo a conjuntura, carregada de presságios. A pior notícia porém foi a que rematou todas as demais, condensada na resposta a duas indagações: "A dívida? A inflação? Funaro está otimista".

Houvesse governo apto a enfrentar as muitas crises que se desenvolvem ao derredor dele, ninguém recusaria, com patriotismo, oferecer uma parcela de esforço para vencer todas as dificuldades existentes e ajudar a Nação a caminhar o bastante para ver a luz no fim do túnel escuro que está atravessando. Infelizmente, nada indica que se fará cessar a tendência nociva a querer equacionar todas as questões mediante fórmulas meramente políticas; *fazer média* com as forças que jogam no *quanto pior, melhor*, a fim de não desagradar a quem quer que seja; conservar em funções do mais alto escalão administrativo, o Ministério, auxiliares que o presidente da República já teria tempo de sobra para constatar que são incompetentes — para dizer o menos.

Não. Não há motivo algum, à vista, para sorrir e encarar o amanhã com confiança, quando tudo parece conspirar para que o País desça em linha reta pelo plano inclinado e vá bater no fundo do poço. Nem ao menos se pode apresentar lá fora, depois da declaração da moratória, um plano consistente de recuperação da economia, porque simplesmente não

há plano algum. Vive-se o dia-a-dia do socorro urgente aos setores nos quais espocam incêndios, transformada a autoridade em bombeiro que corre a apagá-los e nessa tarefa in glória consome tempo e energias.

*Do outro lado da cerca*, quem quer saber de apertar o cinto e promover a austeridade? Quem se lembra de que existem no serviço público federal 300 mil *encostados*, que recebem vencimento para fazer nada? Quem se dá conta de que caiu no esquecimento um censo do funcionalismo, indispensável para que se soubesse quantos privilegiados recebem de duas a três fontes pagadoras que vão buscar dinheiro no Erário, tão pródigo quanto insaciável? Quem quer saber quantos carros com chapa oficial, preta, branca e fria consmem verbas públicas, até mesmo para prestar serviços que nada têm que ver com os ditados por exigências do Estado? Qual é, afinal, o montante astronómico do Desperdício Nacional, que opera em quantas frentes se situe a atuação ineficaz do poder público? Como se haverá de pretender que credores, no Exterior, sejam descendentes na cobrança que lhes cumpre efetuar, em nome dos que

lhes confiaram poupança, se aqui se entronizou a gastança?

Finalmente, cabe perguntar: como, no meio de quadro tão negro, se pode crer que *tout va très bien*? Pois a realidade não é o que se deseja, é o que está aí para ser visto e sentido; e se ela não comporta boas-novas, traz somente as más e as péssimas, para avaliação isenta dos que detêm poder suficiente para tentar modificá-la, não se justifica ver céus cor-de-rosa.

Para que esta nota não estrague o fígado do leitor e para que, assim, sua jornada de trabalho diária corresponda à expectativa a que ele tem direito, fica aqui um apelo ao ministro da Fazenda. O sr. Dilson Funaro não tem razão válida alguma para ser egoísta e esconder por que razões está otimista. É imprescindível que venha a público e decline tais razões, no propósito de infundir na consciência coletiva a convicção que o anima e o faz crer em dias melhores. O povo, seguramente, gostaria de compartilhar com ele o estado de espírito que o distingue há algum tempo, apesar de tudo indicar que esse estado de espírito, em vez de ser precedido do sinal *mais*, deveria caracterizar-se pelo sinal *menos*.

15 MAR 1987